

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES



# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

---

*Textos*

---

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



# Índice

- 15 Editorial  
José Morais Arnaud

## **1. Historiografia**

- 19 Arqueólogos Portugueses  
Jacinta Bugalhão
- 33 A arqueologia nacional: valores de referência  
Gertrudes Branco
- 41 De Chão de Minas (Loures) a Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa):  
Breve balanço de um ciclo de vida em estudos Pré-Históricos  
Vitor Oliveira Jorge
- 51 A emergência da arqueologia processual em Portugal: a teoria e o método  
(1968-2000). Uma introdução  
Daniel Carvalho / Mariana Diniz
- 63 Francisco António Rodrigues de Gusmão: a Arqueologia, a Epigrafia e o Património  
Pedro Marques
- 75 História das investigações dos hipogeus em Portugal  
Cátia Saque Delicado
- 87 «Porque havemos de deixar nas mãos de especialistas estrangeiros perspectivas que  
tanto nos dizem respeito?». A colaboração arqueológica internacional no Portugal  
dos anos 50-60 do século XX: tradições, inovações e contradições  
Ana Cristina Martins

## **2. Estudo e valorização**

- 101 Musealização do sítio arqueológico da Foz do Enxarrique: do projeto à obra feita  
Luís Raposo / Mário Benjamim
- 113 Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu):  
objetivos e primeiros resultados  
Manuel Luís Real / António Faustino Carvalho / Catarina Tente
- 125 Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados  
preliminares de um projecto de investigação  
Andreia Arezes / José Manuel Varela
- 137 O projeto Castr'uíma (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para  
um balanço prospetivo  
António Manuel S. P. Silva / J. A. Gonçalves Guimarães / Filipe M. S. Pinto / Laura Sousa /  
Joana Leite / Paulo Lemos / Pedro Pereira / Maria de Fátima Teixeira
- 155 São Salvador do Mundo – o estado da arte!  
André Donas-Botto
- 161 Mértola na Idade do Ferro: primeiros resultados de dois projectos de investigação  
Francisco José García Fernández / Pedro Albuquerque / Maria de Fátima Palma
- 171 Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora  
Gisela Encarnação / Vanessa Dias

- 185 Arqueologia urbana no concelho de Loures  
Alexandre Varanda
- 195 19 anos de Arqueologia urbana em Machico, Região Autónoma da Madeira  
Isabel Paulina Sardinha de Gouveia / Élvio Duarte Martins Sousa

### **3. Gestão e salvaguarda**

- 209 Paisagens e patrimónios no concelho de Loures: reflexões sobre uma experiência de comunicação em arqueologia, património e história local  
Florbel Estêvão
- 215 Para além da gestão patrimonial: uma nova relação da arqueologia com o território  
Luiz Oosterbeek / Anabela Pereira / Davide Delfino / Elaine Ignácio / Henrique Mourão / Maria Nicoli / Marian Helen Rodrigues / Nelson Almeida / Pierluigi Rosina / Rita Anastácio / Pedro Cura / Sara Cura / Sara Garcês
- 227 A memória como ferramenta de pesquisa e investigação arqueológica  
Alexandra Figueiredo / Ricardo Lopes / Sónia Simões / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira
- 237 A apropriação dos vestígios arqueológicos por parte das comunidades modernas e contemporâneas  
Alexandra Vieira
- 249 Acompanhamento arqueológico em Lisboa – lei, des(ordem) e procrastinação  
Alexandre Sarrazola
- 259 Acompanhamento arqueológico e método. Contributo para o seu enquadramento legal  
Iva João Teles Botelho
- 273 Intervenção arqueológica na Avenida dos Aliados, Porto. O Bairro do Laranjal  
Luís Filipe Coutinho Gomes / Iva Botelho / João André Perpétuo
- 287 Gestão do património arqueológico em intervenções de minimização e salvaguarda  
Leonor Rocha / Gertrudes Branco

### **4. Pré-História**

- 295 O crânio humano Acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira  
Joan Daura / Montserrat Sanz / Juan Luis Arsuaga / Rolf Quam / Dirk L. Hoffmann / Maria Cruz Ortega / Elena Santos / Sandra Gómez / Ángel Rubio / Lucia Villaescusa / Pedro Souto / Filipa Rodrigues / João Maurício / Artur Ferreira / Paulo Godinho / Erik Trinkaus / João Zilhão
- 303 Ocupações Pleistocénicas da margem esquerda do Baixo Minho (Miño/Minho 2). Objetivos e primeiros resultados de um projeto transfronteiriço  
João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Alberto Gomes / Eduardo Méndez-Quintas / José Meireles / Alfredo Pérez-González / Manuel Santonja
- 319 Estudo tecnológico de três sítios do Paleolítico médio do centro de Portugal: Ribeira da Ponte da Pedra, Santa Cita e Lagoa do Bando  
Sara Cura / Antonella Pedernana / Pedro Cura / Luiz Oosterbeek / Gabriele Luigi Francesco Berruti / Pedro Peça / Rosa Linda Graziano
- 331 O Paleolítico médio de S. Julião da Barra: a indústria lítica dos depósitos flúvio-marinhos intervencionados no âmbito da construção do campus universitário de Carcavelos  
João Luís Cardoso / Pedro Peça / Raquel Santos
- 341 As indústrias Paleolíticas do Baixo Guadiana: perspetivas para uma investigação futura a partir das recolhas de Abel Viana  
Luís Gomes / Alexandre Varanda

- 357 A sequência estratigráfica da Lapa dos Coelhoos: funcionalidade e subsistência ao longo do Pleistocénico superior no sopé da Serra de Aire (Portugal)  
Cristina Gameiro / Simon Davis / Francisco Almeida
- 375 O início do último máximo glacial no Sul de Portugal: novos dados a partir do sítio arqueológico de Vale Boi  
Joana Belmiro / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 385 Sobre a definição e interpretação das tecnologias líticas bipolares em contextos pré-históricos  
Pedro Horta / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 393 Abrigo da Buraca da Moira, Leiria: resultados preliminares do projeto Ecoplis  
David Nora / Joana Pereira / Patrícia Monteiro / Eduardo Paixão / Sandra Assis / Marina Évora / Carlos Duarte / João Marreiros / Vânia Carvalho / Trenton Holliday / Telmo Pereira
- 403 Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o tardiglacial e o pré-boreal no Vale do Côa  
Thierry Aubry / Cristina Gameiro / André Santos / Luís Luís
- 419 Reconstruir atividades humanas e formação de contextos conquíferos: microfácies sedimentares do Cabeço da Amoreira (Muge) e das Poças de São Bento (Sado) e o seu potencial interpretativo nos padrões de comportamento humano no Mesolítico  
Carlos Duarte / Ana M. Costa / Vera Aldeias
- 433 Líticos em contexto – tecno-tipologia e distribuição espacial no concheiro mesolítico de Poças de S. Bento (Alcácer do Sal)  
Diana Nukushina / Mariana Diniz / Pablo Arias
- 447 Arqueotematologia e coleções museológicas: estratégias e desafios para o estudo das práticas funerárias do passado  
Rita Peyroteo-Stjerna
- 461 Fossas, fornos ou silos? O contributo do Barranco da Horta do Almada 1 (Beja) para a definição cronológica e funcional das estruturas negativas Mesolíticas e Neolíticas  
Ana Rosa / Mariana Diniz
- 467 Para uma periodização da Pré-História recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4.<sup>o</sup> milénio aos finais do 3.<sup>o</sup> milénio aC  
Susana Soares Lopes / Ana M. S. Bettencourt
- 489 A gestão do sílex durante o Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)  
Henrique Matias / César Neves
- 505 Tumulações da Pré-História recente do Centro/Norte litoral: o caso das Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha)  
Pedro Sobral de Carvalho
- 519 Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no maciço calcário de Sicó  
Fernando Silva / António Monteiro / Gertrudes Branco / Leonor Rocha
- 529 A arqueologia aérea: métodos e técnicas para a observação de dólmenes. O caso de Mora e Arraiolos  
Ariete Câmara / Leonor Rocha / Teresa Batista
- 541 Intervenção arqueológica no projecto de “Recuperação e valorização da Anta do Carrascal” (Aigualva, Sintra)  
Patrícia Jordão / Pedro Mendes / Cláudia Relvado
- 557 O uso do crânio em rituais da Pré-História  
Carlos Didelet

- 563 Novos dados sobre as ocupações Neolíticas do centro de Lisboa  
Helena Reis / Tiago do Pereiro / Nelson Cabaço / Rui Ramos / António Valera
- 575 As galerias de mineração de sílex de Campolide e o seu contexto Europeu.  
Comparações e análise  
Eva Leitão / Carlos Didelet / Guilherme Cardoso
- 581 O povoamento Neolítico em Avis: uma análise preliminar dos dados  
disponíveis  
Ana Cristina Ribeiro
- 591 Vila Nova de São Pedro (Azambuja), no 3º milénio, um sítio Calcolítico  
no ocidente peninsular – contributos para um debate  
Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 605 A ocupação humana do III milénio a.C. do Cabeço da Ervideira (Alcobaça)  
João Pedro Vicente Tereso / Rita Gaspar / Cláudia Oliveira
- 619 O conjunto de pedra lascada da Ota: questões tecnológicas e socioeconómicas  
Ana Catarina Basílio / André Texugo Lopes
- 631 “T0 com cachet”: as eventuais cabanas subterrâneas do recinto de fossos  
do Porto Torrão  
Filipa Rodrigues
- 647 Potes para os mortos: ritual funerário e tecnologia cerâmica em contexto megalítico  
Nuno Inácio
- 661 Os componentes de tear no Castelo de Pavia  
Liliana Teles / Leonor Rocha
- 671 Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste  
da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)  
Catarina Costeira
- 687 Broken Arrow: as pontas de seta dos povoados de São Pedro (Redondo,  
Alentejo central)  
Rui Mataloto / Diana Nukushina / Catarina Costeira
- 705 A pedra lascada nos *tholoi* do baixo Alentejo interior: notas preliminares  
de casos de estudo  
Ricardo Russo / Ana Catarina Sousa
- 723 Exploração de recursos aquáticos no final do Neolítico e Calcolítico: breve  
revisão do registo faunístico  
Sónia Gabriel / Cláudia Costa
- 741 Contributos para o conhecimento da componente animal dos recintos  
de fossos calcolíticos. A fauna vertebrada de Montoito 2  
Cláudia Costa / Rui Mataloto
- 753 Entre vales e escarpas. Estudo da fauna recuperada na Lapa da Mouração  
(Porto de Mós, Leiria)  
Ana Beatriz Santos / Cátia Saque Delicado
- 765 Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise  
*multiproxy* de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados  
arqueológicos  
Ana M. Costa / M<sup>a</sup>. Conceição Freitas / Vera Lopes / César Andrade / Jacinta Bugalhão /  
Pedro Barros
- 781 Análise preliminar dos padrões de localização das grutas com arqueologia  
do centro e Sul de Portugal  
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves / João Cascalheira

## 5. Proto-História

- 795 Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na bacia hidrográfica do rio Ave (Noroeste de Portugal)  
Hugo Aluai Sampaio
- 809 A necrópole da Idade do Bronze do Corvilho (Santo Tirso): novos dados para a sua contextualização cronológica  
Hugo Aluai Sampaio
- 819 Povoado de São Lourenço. Novos dados. Castro Daire, Viseu (CNS 5114)  
Vitor Manuel da Silva Dias
- 833 O enterramento da Idade do Bronze da Gruta das Redondas (Carvalhal de Aljubarrota): um contributo para o estudo do Bronze antigo na Estremadura atlântica  
João Carlos Senna-Martinez / Elsa Luís / Rita Matos / Pedro Valério / Maria de Fátima Araújo / João Tereso / Isabel Costeira
- 849 O sítio de fossas da Horta do Cabral 6. Contribuição para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Torrão (Alcácer do Sal, Portugal)  
Henrique Matias / Marco António Andrade / Cláudia Costa / Hugo Aluai Sampaio / Inês Simão / António Monge Soares / Rui Monge Soares / Patrícia Monteiro
- 865 Estudo paleoetnobotânico do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro – uma análise carpológica  
Margarida Isabel Leite / João Pedro Tereso / Maria de Jesus Sanches
- 877 A comparação como ferramenta de estudo de processos de representação e interacção: o caso de “Tartessos”  
Pedro Albuquerque
- 887 Produções cerâmicas de inspiração grega no vale do baixo Tejo  
Elisa de Sousa / João Pimenta
- 897 O metal de base cobre dos objectos de uso pessoal em sepulturas da I Idade do Ferro do Monte Bolor 1-2 (Beja)  
Pedro Valério / Maria Fátima Araújo / António M. Monge Soares / Rui Soares / Lídia Baptista
- 907 A Azougada (Moura) e o sistema metrológico da Idade do Ferro pós-orientalizante do baixo e médio Guadiana  
Ana Sofia Antunes
- 929 Os ossos trabalhados do Castro da Azougada (Moura, Portugal)  
Mariana Nabais / Rui Soares
- 943 Janelas abertas sobre a Idade do Ferro: os queimadores de Mesas do Castelinho (Almodôvar)  
Susana Estrela
- 955 O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais)  
José d’Encarnação / Guilherme Cardoso

## 6. Arte Rupestre

- 969 E depois do Côa? A investigação de arte rupestre em Portugal desde 1995. Parte 1: a Sul do Tejo  
Andrea Martins
- 991 Isto não é um afloramento! É uma rocha de arte rupestre. . . factores potenciais de escolha de superfícies de arte rupestre na fase antiga Paleolítica da Arte do Côa.  
António Batará Fernandes

- 1003 A arte rupestre da Gruta do Escoural – novos dados analíticos sobre a pintura Paleolítica  
António C. Silva / Guilhem Mauran / Tânia Rosado / José Mirão / António Candeias / Carlos Carpetudo / Ana Teresa Caldeira
- 1021 A arte megalítica da Mamoa 1 do Taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro).  
Novos resultados  
Lara Bacelar Alves / Pedro Sobral de Carvalho
- 1037 O Monte Faro – uma paisagem icónica da arte Atlântica Peninsular  
Lara Bacelar Alves / Mário Reis
- 1053 Gravuras rupestres do Noroeste Português para além das artes Atlântica e Esquemática  
Ana M. S. Bettencourt
- 1069 O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal).  
Embarcações, armas, cavalos e ex-votos  
Manuel Santos-Estévez / Ana M. S. Bettencourt
- 1085 Uma abordagem “multi-proxy” aplicada à conservação do sítio de arte rupestre de Cobragança, Mação, Portugal  
Sara Garcês / Hugo Gomes / Vera Moleiro / Hugo Pires / Flávio Joaquim / Anabela Pereira / Luiz Oosterbeek

## 7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1099 O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da Aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da romanização do Douro  
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1109 O *corpus* dos mosaicos romanos do *conventus bracaravgvstanvs*  
Fátima Abraços / Licínia Wrench / Cátia Mourão / Filomena Limão / Jorge Tomás García
- 1123 Vestígios de transformação de produtos no concelho de Castelo de Vide (Portalegre, Portugal) – inseridos no povoamento rural romano  
Sílvia Monteiro Ricardo
- 1137 Novos dados sobre a ocupação de época Romana Republicana da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): o espólio metálico  
Francisco B. Gomes
- 1149 Reflexões em torno da jazida arqueológica Torre Velha 1 e a sua relação com o espaço e dinâmicas ocupacionais envolventes  
Teresa Ricou Nunes da Ponte
- 1163 A ocupação Romana do Monte dos Toirais, Montemor-o-Novo. Um exemplo de arqueologia preventiva no contexto dos finais dos anos 90 (séc. XX)  
Jorge Vilhena / Carolina Grilo
- 1177 A actuação votiva dos grupos de origem servil no Sul da Lusitânia  
Sílvia Teixeira
- 1185 Ataegina uma Divindade Peninsular  
Cristina Lopes
- 1193 Espólio de cerâmicas finas romanas e separadores dos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche, Portugal)  
Eurico Sepúlveda / Guilherme Cardoso / Catarina Bolila / Severino Rodrigues / Inês Ribeiro
- 1205 As «marcas de oleiro» na *terra sigillata* de Vale de Tijolos (Almeirim) e as dinâmicas comerciais no *ager scallabitanvs* durante o principado  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Henrique Mendes

- 1219 Evidências de um espaço funerário. Vestígios de uma necrópole romana às portas de Scallabis  
Carlos Boavida / Tânia Manuel Casimiro / Telmo Silva
- 1229 *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole Noroeste de Olisipo  
Sílvia Casimiro / Francisca Alves Cardoso / Rodrigo Banha da Silva / Sandra Assis
- 1243 O espaço de necrópole Romana das Portas de Santo Antão, Lisboa  
Nelson Cabaço / Alexandre Sarrazola / Rodrigo Banha da Silva / Liliana Matias de Carvalho / Marina Lourenço
- 1255 Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa  
Raquel Henriques / António Valongo
- 1265 Aspetos construtivos do Teatro Romano de Lisboa: matérias-primas e técnicas edificativas  
Lídia Fernandes
- 1279 Um contexto cerâmico e vítreo da primeira metade do séc. III d.C. do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa)  
Raquel Guimarães / Rodrigo Banha da Silva
- 1293 Contextos Romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa  
Helena Pinheiro / Raquel Santos / Paulo Rebelo
- 1305 As ânforas Romanas da nova sede da EDP (Lisboa)  
José Carlos Quaresma / Rodrigo Banha da Silva / José Bettencourt / Cristóvão Fonseca / Alexandre Sarrazola / Rui Carvalho
- 1317 As ânforas de tipo *la Orden* na Lusitânia meridional: primeira leitura, importância e significado  
Rui Roberto de Almeida / Carlos Fabião / Catarina Viegas
- 1331 Combustível para um forno: dinâmicas de ocupação de um espaço em Monte Mozinho (Penafiel) a partir de novos dados arqueobotânicos  
Filipe Costa Vaz / Luís Seabra / João Pedro Tereso / Teresa Pires de Carvalho
- 1347 A necrópole de Alcoitão no contexto das práticas funerárias alto-Medievais do concelho de Cascais  
Catarina Meira
- 1359 Paisagem e estratégias do povoamento rural Romano e Medieval no troço médio do vale do Guadiana  
João António Ferreira Marques
- 1379 Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica  
Virgílio Lopes

## 8. Época Medieval

- 1393 Evolução da estrutura urbana de Santarém entre os séculos VIII e XIII: uma análise macroscópica a partir da localização das necrópoles Islâmicas  
Marco Liberato / Helena Santos
- 1405 O povoamento rural Islâmico na *kura* de Alcácer do Sal: breve análise da toponímia  
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1417 Manifestações lúdicas na cerâmica do *gharb al-Andalus*  
Maria José Gonçalves / Susana Gómez Martínez / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes / Isabel Inácio / Marco Liberato / Constança dos Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco / Catarina Coelho

- 1431 Estuques decorados Islâmicos, do século XI, do castelo de Silves  
Rosa Varela Gomes
- 1443 O sistema defensivo Medieval de Tavira – elementos ocultos por entre o casario  
Jaquelina Covaneiro / Sandra Cavaco / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1455 A Porta de Almedina (Coimbra): observações no âmbito da recuperação de fachadas na Torre de Almedina  
Sara Oliveira Almeida
- 1469 A minha boca conta uma história: abrasão dentária e a sua relação com actividade e hábitos pessoais numa amostra Portuguesa de época Medieval/Moderna  
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1481 Estudo arqueobotânico do povoado alto-Medieval de S. Gens: perspectivas sobre a exploração de recursos lenhosos e agrícolas  
Cláudia Oliveira / Ana Jesus / Catarina Tente / João Pedro Tereso
- 1495 Adornos de cavalo da época Medieval, provenientes das escavações do Castelo de Almourol (1898)  
Maria Antónia Athayde Amaral
- 1513 As marcas de canteiro da Sé de Lisboa  
Sofia Silvério
- 1523 O comércio Medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da Rua das Pedras Negras nº 21-28  
Filipe Oliveira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara Ferreira
- 1539 Construções em taipa de época Medieval e Moderna: o exemplo do Chiado  
Vanessa Mata / Nuno Neto / Paulo Rebelo
- 1551 Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica  
António Valongo
- 1567 Caracterização da ocupação Tardomedieval na Rua da Prata 221-231 e Rua dos Correeiros 158-168, Lisboa  
Filipe Oliveira / João Miguez / Catarina Furtado / Cláudia Costa
- 1581 Breve apontamento sobre a Cerca (“velha”) Medieval de Lagos  
Ana Gonçalves / Elena Mórán / Ricardo Costeira da Silva
- 1595 Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal)  
Ricardo Costeira da Silva / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1611 Resultados da intervenção arqueológica realizada nos nºs 54 a 58a da Rua Direita, em Óbidos  
Helena Santos / Marco Liberato / Romão Ramos

## **9. Época Moderna e Contemporânea**

- 1627 A cozinha e a mesa a bordo da fragata Portuguesa Santo António de Taná (Mombaça, 1697): estudo de objectos metálicos e em madeira  
Inês Pinto Coelho / Patrícia Carvalho / André Teixeira
- 1641 Resultados preliminares da primeira campanha da missão arqueológica Portuguesa em Sharjah (EAU). Escavação arqueológica em Quelba/Kalba  
Mário Varela Gomes / Rosa Varela Gomes / Rui Carita / Kamyar Daryoush Kamyab
- 1657 Novos dados acerca das formas de pão-de-açúcar: o caso do estudo das formas descobertas na Rua Afonso de Albuquerque, Peniche (centro de Portugal)  
Adriano Constantino

- 1667 A ala nascente do claustro do Convento de Jesus de Setúbal: resultados da intervenção arqueológica de 2015/2016  
Nathalie Antunes-Ferreira / Maria João Cândido
- 1675 Os bens terrenos da Igreja da Misericórdia (Almada) – séculos (XVI-XVIII)  
Vanessa Dias / Tânia Manuel Casimiro / Joana Gonçalves
- 1691 Cerâmicas Quinhentistas vidradas de um poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa)  
Ana Isabel Barradas / Rodrigo Banha da Silva
- 1703 O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al  
Mónica Ponce / Filipe Oliveira / Tiago Nunes / Marina Pinto / Marina Lourenço
- 1715 Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI  
Guilherme Cardoso / Luísa Batalha / Paulo Rebelo / Miguel Rocha / Nuno Neto / Sara Brito
- 1731 Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa)  
Anabela Castro / Nuno Amaral de Paula / Joana Bento Torres / Tiago Curado / André Teixeira
- 1751 Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa)  
Luísa Batalha / Nuno Neto / Pedro Peça / Sara Brito / Guilherme Cardoso
- 1767 Estruturas Pré-Pombalinas e espólio associado no Pátio José Pedreira (Rua do Recolhimento e Beco do Leão, freguesia Santa Maria Maior)  
Anabela Joaquineto
- 1781 Policromias e padrões: azulejos “de aresta” e “de corda-seca” do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI)  
André Bargão / Sara Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1795 O contexto do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos: os contentores para líquidos  
Rita Neves Silva / Rodrigo Banha da Silva
- 1809 A cerâmica Italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa  
Catarina Felício / Filipe Sousa / Raquel Guimarães / André Gadanho
- 1821 Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)  
Carlos Boavida
- 1835 Uma lixeira nas Casas Nobres do Infantado  
Tânia Manuel Casimiro / António Valongo
- 1849 Os potes *martaban* provenientes da antiga Ribeira Velha, Lisboa  
Mariana Mateus / Inês Simão / Filipe Oliveira / Rita Souta
- 1863 Cerâmica Portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII  
Luís Filipe Vieira Ferreira / Isabel Ferreira Machado / Tânia Manuel Casimiro
- 1873 Portas de madeira reutilizadas em cofragens de época Pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa)  
Cristóvão Fonseca / João Miguez / José Bettencourt / Teresa Quilhó / Inês Simão / Mariana Mateus / Teresa Freitas
- 1891 O conjunto de selos de chumbo proveniente do Campo das Cebolas, Lisboa  
Inês Simão / João Miguez
- 1901 Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa  
Inês Simão / João Miguez / Marta Macedo / Teresa Alves de Freitas / Cristóvão Fonseca / José Bettencourt

- 1915 A dimensão marítima do Boqueirão do Duro (Santos, Lisboa) nos séculos XVIII e XIX: primeiros resultados arqueológicos  
Marta Lacasta Macedo / Inês Mendes da Silva / Gonçalo Correia Lopes / José Bettencourt
- 1925 Arqueotematologia Moderna/Contemporânea: práticas funerárias e cronologia relativa no adro da Igreja de Santa Maria dos Anjos, Valença  
Luís Miguel Marado / Luís Fontes / Francisco Andrade / Belisa Pereira
- 1933 Fragmentos do quotidiano no Terreiro do Real monumento de Maфра (1717-2017)  
Ana Catarina Sousa / Marta Miranda / Ricardo Russo / Cleia Detry / Tânia Manuel Casimiro
- 1953 O projecto Muge 1692: entre a arqueologia da arquitectura e a reconstrução virtual  
Gonçalo Lopes
- 1967 A flora arqueológica da Quinta do Meda (Mogadouro) e a exploração de recursos vegetais durante os séculos XVIII/XIX no Vale do Sabor  
Leonardo da Fonte / João Tereso / Paulo Dordio Gomes / Francisco Raimundo / Susana Carvalho
- 1979 Os vidros de Baía da Horta 1 (Ilha do Faial, Açores) enquanto vector de interpretação de um contexto disperso  
Tiago Silva / José Bettencourt
- 1993 Baía da Horta 6 (BH-006): um provável naufrágio Americano do século XIX  
José Bettencourt / Teresa Quilhó / Cristóvão Fonseca / Tiago Silva
- 2011 A ferro e fogo – a Fundação Vulcano & Collares, Lisboa  
João Luís Sequeira / Inês Mendes da Silva
- 2023 Projecto Casa Museu Fialho de Almeida, Cuba – valorização do território e arqueologia preventiva, resultados do acompanhamento arqueológico  
Francisca Bicho / Luís Fialho / Consuelo Gomes / Teresa Ricou

# AS ÂNFORAS ROMANAS DA NOVA SEDE DA EDP (LISBOA)

José Carlos Quaresma<sup>1</sup>, Rodrigo Banha da Silva<sup>2</sup>, José Bettencourt<sup>3</sup>, Cristóvão Fonseca<sup>4</sup>, Alexandre Sarrazola<sup>5</sup>, Rui Carvalho<sup>6</sup>

## RESUMO

O desenvolvimento do projecto da sede da EDP na zona do aterro oitocentista da Boavista, em Lisboa, foi acompanhado por uma intervenção arqueológica preventiva extensa, da responsabilidade da ERA Arqueologia, S.A.. O local revelou testemunhos da actividade portuária de Lisboa nos períodos da Expansão Ultramarina e Contemporâneo. Todavia, a intervenção proporcionou também a identificação de evidências de uma utilização mais remota do espaço fluvial, remontando à Época Romana. O conjunto de materiais datados do período romano é composto quase em exclusivo por fragmentos anfóricos, recolhidos nos níveis lodosos equivalentes ao fundo estuarino, de permeio com artefactos ulteriores. Contudo, o estado de conservação da maioria das espécies, onde alguns mostram apreciável estado de conservação, remetem para outro tipo de fenómenos originários das formações estratigráficas, conectados com a actividade portuária de *Olisipo*. A diversidade de tipos de ânfora presentes compreende morfologias lusitanas, béticas, itálicas e africanas, abarcando uma diversidade de cronologias e conteúdos associados, constituindo um contributo para o conhecimento da dinâmica comercial romana lisiponense e das conexões respectivas então estabelecidas entre a foz do Tejo e o trânsito de mercadorias entre o Atlântico e o Mediterrâneo.

**Palavras-chave:** *Olisipo*, ânforas, Arqueologia Romana, Porto de Lisboa, Arqueologia Marítima.

## ABSTRACT

The development works on the headquarters of EDP (Portuguese Electricity Company), located in Lisbon's riverfront area filled in the 19<sup>th</sup> century, was object of archaeological preventive works by ERA Arqueologia, S.A. The site revealed relevant evidence for town's harbour activities in the Age of Overseas Portuguese Empire and later, but also some scarce evidence related to previous uses of space, dated from Roman period. The assemblage of Roman pottery was formed, almost exclusively, by amphora sherds, collected in the muddy levels equivalent to former river Tagus bed, together with much later artefacts. In spite of this stratigraphy position, dated well after Roman Period, the presence of most of the Roman pottery is explainable through other formation processes related to harbour activities of the Roman town of *Olisipo*. Different amphora types are present, including Lusitanian, Baetican, Italic and African morphologies, enclosing diverse chronologies and contents related, the set forming a contribution to readings on commercial dynamics at stake in Lisbon between late 2<sup>nd</sup> c. BC to 4/5<sup>th</sup> c. AD, and to the role of the Tagus river mouth region involvement in sea fare traffic between the Atlantic and the Mediterranean.

**Keywords:** Roman Lisbon, Amphorae, Roman Archaeology, Lisbon's harbour, Maritime Archaeology.

---

1. IEM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; josecarlosquaresma@gmail.com

2. CAL-DPC-CML e CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores; rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

3. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores; jbettencourt.cham@gmail.com

4. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores; cristovaofonseca@gmail.com

5. ERA Arqueologia, S.A.; alexandresarrazola@era-arqueologia.pt

6. ERA Arqueologia, S.A.; ruicarvalho@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A intervenção arqueológica de minimização de impactes efectuada pela empresa ERA Arqueologia, S.A., para edificação da sede corporativa da EDP, no quarteirão a Sudeste do cruzamento entre a Rua D. Luís I e o Boqueirão dos Ferreiros revelou uma sequência arqueológica com uma cronologia entre as épocas romana e contemporânea<sup>7</sup>. Foram reconhecidas três realidades cronológicas distintas: a Fábrica de Gás da Boavista, que laborou entre a década de 1840 e os primeiros decénios da centúria seguinte; o aterro da Boavista, uma das maiores obras públicas de oitocentos a nível nacional; e os vestígios associados à frente fluvial da antiga praia da Boavista, nos quais se englobam duas embarcações da segunda metade do século XVII ou de inícios da centúria seguinte e materiais relacionados com actividades portuárias, de ancoragem ou desembarque (Sarrazola & *alii*, 2014; Fonseca & *alii*, 2016; Bettencourt & *alii*, no prelo).

Os vestígios mais antigos, anteriores ao aterro da Boavista, surgiam em quatro unidades sedimentares identificadas numa sondagem geológica (EDP1). Esta revelou que a Unidade 1 foi depositada em ambiente subtidal de baixa energia até ao século XVII; a Unidade 2 a uma alteração abrupta neste padrão de sedimentação, de mais alta energia, relacionada provavelmente com uma tempestade extrema que ocorreu em 1724 e/ou com o tsunami de 1755; e as Unidades 3 e 4 a um retorno às condições estuarinas subtidais, marcada por um aumento de energia devido a uma menor profundidade da coluna de água (Costa & *alii*, 2016).

Estes sedimentos mostram um claro aumento da assinatura antrópica, sobretudo a partir do século XVI, tendo-se registado pratos e escudelas em loiça esmaltada a branco com tipologias daquele período, majólicas italianas e faiança portuguesa do século XVII ou numerosos cachimbos e garrafas de vidro do século XVIII, a par de âncoras de várias tipologias e dois navios de finais do século XVII, primeira metade do XVIII (Sarrazola & *alii*, 2014; Fonseca &

7. A complexidade dos contextos levou a empresa de arqueologia a associar-se a especialistas de diversas áreas da arqueologia terrestre, náutica e subaquática, paleobotânica e geomorfologia, nomeadamente ao CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, que garantiu a especialidade de arqueologia marítima.

*alii*, 2016; Bettencourt & *alii*, no prelo). Os materiais encontravam-se dispersos, não sendo possível, na maior parte dos casos, recuperar a cota de recolha e atribuí-los a uma das unidades sedimentares devido aos constrangimentos à intervenção arqueológica, que consistiu sobretudo no acompanhamento da remoção mecânica dos sedimentos. O mesmo acontece com os materiais de época romana, mais escassos, embora tenha sido registada uma concentração na zona oeste, a uma cota -3.85 ao nível médio do mar, onde foi registada uma ânfora Dressel 14 (Fig. 1, n.º 3). De qualquer modo, as características do contexto (concentração de materiais em zona ribeirinha submersa até ao aterro da Boa Vista) sugerem que este está relacionado com actividades portuárias, constituindo uma evidência directa da utilização crescente daquele espaço desde pelo menos a época romana. Neste artigo apresenta-se um estudo sistemático das ânforas daquele período.

## 2. O CONJUNTO ANFÓRICO

As recolhas praticadas no âmbito do acompanhamento arqueológico foram condicionadas pelas condições de escavação, efectuada sobretudo com maquinaria pesada que não permitia uma recolha sistemática porque muitos materiais estavam envoltos nos próprios sedimentos, o que explicará o carácter da composição do conjunto cerâmico de cronologia romana que a seguir se trata. De facto, apenas se conseguiram repertoriar mais 8 fragmentos incaracterísticos de paredes de ânforas lusitanas, estando a “cerâmica comum” e todas as restantes categorias cerâmicas do período romano, ausentes das amostras recolhidas.

1 (Figura 1) – Fragmentos de bocal de ânfora do tipo Dressel 1A itálica.

Conjunto de fragmentos pertencentes a uma mesma ânfora do Tipo Dressel 1A, preservando uma porção do bordo, colo, uma asa e vestígios do arranque superior de uma outra.

Bordo destacado e saliente, de secção triangular, com uma relação de espessura/largura próxima de 1/1,5. Colo projectando tendência cilíndrica, com zona de encaixe da asa no colo, localizada um pouco abaixo da aba do bordo.

Pasta de coloração avermelhada, compacta e depurada, de textura homogénea, contendo vacuólos, fendas, elementos quartzosos, alguma calcite e raros pe-

quenos ferromagnesianos, todos muito bem distribuídos. Trata-se de fabrico itálico, da área do Tirreno. Engobe externo branco-amarelado.

Ostenta a meio do colo um grafito pós-cozedura ancoriforme, invertido.

Diâmetro externo do bordo: 14,7 cm.

2 (Figura 1) – Fragmento do bico fundeiro de ânfora provavelmente pertencente ao mesmo tipo do exemplar anterior.

Fragmento equivalente ao fundo maciço com morfologia de tendência cilíndrica de uma ânfora provavelmente do mesmo tipo que a anterior.

Pasta de coloração vermelha, muito granulosa e de fractura irregular, muito compacta e muito dura, homogénea, contendo muito abundantes piroxenas, denunciando uma muito provável origem campana.

Engobe externo branco-amarelado.

Altura máxima conservada: 6,7 cm.

3 (Figura 1) – Fragmentos de ânfora da forma Dressel 14 lusitana, a que falta a extremidade com o bico fundeiro.

Bordo de secção sub-triangular, o colo cilíndrico, alto, as asas de fita de secção oval dotadas de nervura profunda central. O corpo é de tendência cilíndrica. Pasta de coloração alaranjada, medianamente compacta, com muitos vacúolos arredondados, com quartzo hialino de pequena e média dimensão, escassa moscovite, rara chamota cinza e rara mica dourada, sempre de muito finas dimensões. A superfície varia entre a gama dos castanhos e castanhos acinzentados. Trata-se de uma pasta atribuível às oficinas do Tejo ou do Sado.

De assinalar que boa parte do interior do colo apresenta vestígios de resina, notando-se numa secção vertical do interior do corpo pequenas zonas de escorrimento daquele revestimento.

A morfologia da ânfora insere-se no tipo Dressel 14 lusitano, equivalendo muito provavelmente a um fabrico do Tejo. Deverá fazer-se notar que as cronologias do início da produção nos centros do “grande rio” estão ainda por precisar com acuidade, e que os modelos denominados “Lusitana Antiga”, a que sucede, estão com muito maior expressão documentados em estratigrafias lisboetas bem definidas e datadas ainda na década de 60 d.C. (Silva, Filipe & Almeida, 2016).

Diâmetro máximo do bordo – 17,0 cm; Altura máxima conservada – 83,5 cm.

4 (Figura 1) – Fragmento do bico fundeiro de ânfora da forma Dressel 14 lusitana.

Fundo de secção troncocónica, com pequena glândula exterior, macissado pelo interior com adição de argila. Pasta como a do exemplar anterior.

Altura máxima conservada: 12,8 cm.

5 (Figura 1) – Fragmento do bico fundeiro de ânfora da forma Dressel 14 lusitana.

Fundo simples, de secção troncocónica.

A pasta é semelhante à dos dois números anteriores, apresentando as superfícies acastanhadas e vestígios de alisamento a trapo.

Ostenta no exterior o grafito “P”, invertido, notando-se a grafia fechada da cabeça do carácter.

Altura máxima conservada: 9,0 cm.

6 (Figura 2) – Fragmento de ânfora da forma Lusitana 3 conservando o bordo, colo, uma asa e porção do corpo.

Bordo em fita. Asas de fita a nascer ainda na parte inferior do bordo, nervuradas, de secção ovalada. Colo um pouco convergente.

Pasta avermelhada, medianamente compacta, textura medianamente granulosa, contendo quartzo hialino bem distribuído de média e pequena dimensão, e frequente e fina moscovite. As superfícies mostram-se acastanhadas.

Trata-se de uma pasta atribuível às oficinas do Tejo ou do Sado.

Diâmetro do bordo – 9,8 cm.

7 (Figura 2) – Fragmentos de ânfora da forma Almagro 51C lusitana conservando a boca, colo, asas, uma porção do corpo e parte do fundo.

Bordo em fita, de lábio arredondado, demarcado interiormente do colo por estrangulamento. Asas de fita a nascerem da sobeira do bordo, junto ao lábio, com dupla nervura bem marcada, de secção em oval alongada. Corpo piriforme.

Pasta avermelhada, mas muito alterada pelas condições pós-deposicionais que a fizeram assumir uma coloração laranja-ocre, medianamente compacta, textura medianamente granulosa, contendo quartzo hialino bem distribuído de pequena dimensão, escassa e fina moscovite. Os processos pós-deposicionais aquáticos, e de contaminação química, alteraram profundamente a coloração da pasta.

Trata-se de uma pasta atribuível às oficinas do Tejo ou do Sado.

De conteúdo piscícola, a investigação defende um início de produção do tipo ainda nos finais do séc. II d.C., estando a morfologia consolidada em meados do século seguinte, que perdurarão até à quinta centúria (Viegas, Raposo & Pinto, 2016).

Diâmetro do bordo – 8,9 cm. Largura máxima do corpo – 29,8 cm.

8 (Figura 2) – Fragmento de ânfora da forma Almagro 51C lusitana conservando a porção superior do corpo, o colo, asas e bordo.

As características do bordo, colo e asas são como as do exemplar anterior, deste se distinguindo por a dupla nervura das asas ser menos marcada e por um aspecto mais maciço da parte superior do corpo.

Pasta de coloração laranja-avermelhada, medianamente compacta, de grão médio fino, depurada, contendo pouco quartzo hialino bem distribuído de pequena e média dimensão, rara e finíssima moscovite. Trata-se de uma pasta atribuível às oficinas do Tejo ou do Sado.

Diâmetro máximo do bordo – 12,5 m.

9 (Figura 2) – Fragmento de ânfora da forma Almagro 51C lusitana conservando a porção inferior do corpo e o bico fundeiro.

Fundo troncocónico, destacado do corpo, maciçado pelo interior mediante a adição de argila.

Pasta de coloração laranja-avermelhada, medianamente compacta, de grão médio fino, depurada, apresentando vacúolos ligeiramente alongados, contendo pouco quartzo hialino bem distribuído de pequena dimensão, escassa e fina moscovite bem distribuída e raro feldspato de média dimensão. Como o exemplar anterior, trata-se de uma pasta atribuível às oficinas do Tejo ou do Sado.

Altura máxima conservada – 15,0 cm.

10 (Figura 2) – Fragmento de ânfora da forma Almagro 51C lusitana conservando a porção inferior do corpo e o bico fundeiro.

Pasta como a do exemplar anterior.

Altura máxima conservada – 13,0 cm.

11 (Figura 2) – Fragmentos de ânfora da forma Almagro 50 lusitana, conservando o bordo, colo, uma asa e porções do corpo.

Pasta de coloração acastanhada, medianamente compacta, de grão médio fino, apresentando vacúolos, contendo algum quartzo hialino bem distribuído de

pequena e média dimensão, escassa e fina moscovite bem distribuída e raro feldspato de média dimensão. Como o exemplar anterior, trata-se de uma pasta atribuível às oficinas do Tejo ou do Sado.

Diâmetro interno do bordo – 11,8 cm.

12 (Figura 2) – Fragmento do bordo de ânfora do tipo Dressel 20, bética.

Fragmento de bordo de perfil exterior circular, dotado de inflexão equivalente a estrangulamento na face interna.

Pasta de coloração creme, bastante compacta e homogénea, com pequenos e abundantes vacúolos arredondados e alongados, algumas cavernas, abundantes E.N.P.s correspondentes a elementos quartzosos, moscovite e feldspato de pequena dimensão. As características da pasta indicam uma origem na Bética, no Vale do Guadalquivir.

Diâmetro máximo do bordo – 14,4 cm.

13 (Figura 2) – Fragmento de ânfora da forma Keay XVI bética, conservando a boca, colo, asas e a porção superior do corpo.

Bordo de secção triangular, colo curto pouco destacado do corpo. As asas são maciças, de secção ovalada, colocadas sobre o bordo.

Pasta de coloração creme, bastante compacta e homogénea, de grão fino, muito pequenos vacúolos arredondados, escassa moscovite e rara mica dourada de muito pequena dimensão. As características da pasta indicam uma origem na Bética litoral.

Diâmetro máximo do bordo – 16,8 cm.

14 (Figura 3) – Fragmentos de ânfora de morfologia indeterminada, bética, conservando uma porção inferior do corpo.

Corpo convergente, cónico

Pasta como a do exemplar anterior.

Altura máxima conservada – 15,0 cm.

15 (Figura 3) – Fragmentos de ânfora da forma Africana IIA conservando a boca, colo, asas e porções do corpo.

Bordo esvasado, de secção ovalada, demarcado do colo, que é de tendência cilíndrica mas ligeiramente convergente. As asas, de secção ovalada, nascem da parte superior do colo e fixam-se inferiormente próximo do arranque da parte superior do corpo. Este último é de tendência cilíndrica, com o terço superior inflectindo de forma convergente para

o colo. A morfologia do bordo situa o exemplar no sub-tipo IIA.2 (Bonifay, 2004).

Pasta de coloração vermelho-alaranjada, compacta, homogénea, de grão médio, medianamente depurada, com quartzo hialino eólico. Apresenta a superfície acinzentada. As características de fabrico apontam para uma possível origem numa oficina do Norte da Tunísia.

O sub-tipo Africana IIA.2 está associado a um lapso cronológico situado por Michel Bonifay (2004, p. 111) entre o final do séc. II d.C. e a primeira metade do séc. III d.C., tendo como conteúdo muito provável os preparados de peixe e não o azeite.

Diâmetro máximo do bordo – 14,9 cm.

**16** (Figura 3) – Fragmentos de ânfora da forma Africana do tipo Keay 25.3 = Africana III B, conservando a porção da boca, colo e asas.

Bordo esvasado de lábio pendente e afilado, distinto externamente do colo, que é de tendência tronco-cónica, por pequeno filete. Asas de secção ovalada a nascer da parte superior do colo e a fixarem-se na parte inferior do mesmo.

Pasta de coloração vermelho-alaranjada (côr de tijolo), compacta, algo homogénea, com quartzo hialino eólico rolado de pequenas dimensões, minerais negros, calcites de grande dimensão e ocorrência de fragmentos de rocha sedimentar de médias-grandes dimensões. As características de fabrico apontam para uma possível origem numa oficina do Norte da Tunísia.

O tipo Keay 25.3 = Africana III B encerra uma cronologia situável no séc. IV d.C., podendo ter um conteúdo de preparados de peixe ou, muito provavelmente, vinário (Bonifay, 2004, p. 122).

Diâmetro máximo do bordo – 13,0 cm.

### 3. O CONHECIMENTO ACTUAL SOBRE A FACHADA RIBEIRINHA OCIDENTAL DE OLISIPO

Os conhecimentos acerca do interface aquático da cidade romana de *Olisipo* basearam-se, até meados dos anos 1990, em dados difusos e sem uma base contextual empírica. Contudo, este panorama iniciaria a sua mudança a partir dos meados daquela década, acompanhando a profunda transformação verificada na arqueologia portuguesa, e na lisboeta em particular. Por outro lado, sucessivos grandes empreendimentos em zonas da antiga fachada

ribeirinha iriam proporcionar novos dados para as leituras, se bem que insuficientes ainda para se traçar com certeza a configuração da paleo-topografia no período romano.

Os dados actuais permitem, no entanto, uma aproximação arqueológica a este tema, baseada nas várias propostas publicadas anteriormente, na cartografia de época moderna (sobretudo para a zona ocidental da cidade), na distribuição de materiais romanos em depósitos fluviais de baixa profundidade ou na localização das várias cetárias identificadas na baixa da cidade desde a década de 1980. Estes vestígios marcam os limites para a linha de costa, os primeiros porque documentam ambientes interditaes ou sub-tidais, os segundos porque correspondem a estruturas construídas perto da linha de costa (Figura 4). No Pátio do Ministério da Marinha, junto à Avenida da Ribeira das Naus, teve lugar em 1995 uma intervenção arqueológica de acompanhamento da abertura de um poço do Metropolitano, conduzida por uma equipa ligada à administração central. Ali se reconheceu uma longa sequência estratigráfica, com notada relevância das unidades formadas em Época Moderna e um justificado destaque para o achado de uma estrutura desse período, ligada à construção naval (Marques & Santos, 2000).

Este trabalho permitiu detectar um nível (“camada 14”) que os escavadores descrevem como de “argila arenosa, de cor negra acinzentada” (Marques, Sabrosa & Santos, 1997, p. 166) e situar o antigo leito do Tejo neste ponto numa cota absoluta de -3,25 m (Idem, p. 167).

O conjunto material associado a esta unidade da estratigrafia equivalia a cerca de 500 fragmentos cerâmicos, maioritariamente paredes inclassificáveis de ânforas, à excepção de um muito limitado número de dez exemplares desta tipologia de contentor (8 “NMI”), um prato do tipo Hayes 76 em TSCLA-D, um outro Hayes 27 em TSCLA-A um púcaro e um fundo de bilha, ambos em cerâmica comum regional (Idem: 166-167). As morfologias anfóricas representadas reportavam-se a uma Dressel 14 lusitana, duas Dressel 7/11, igual número de Keay XVI, uma Dressel 20, todas béticas, uma ânfora africana de tipo indeterminável e uma outra inclassificável (Idem).

Os trabalhos arqueológicos na metade oriental da Praça do Município, em 1997, permitiram de igual modo a identificação de um potente nível de cascalheira (“unidade 15”), cujo topo se situava à cota absoluta - 0,50 m (Muralha & Leitão, 1998). A detec-

ção de cerâmicas de cronologia romana de permeio com a cascalheira (que chegava a atingir 70 cm de espessura) foi feita num único plano intermédio e já durante os trabalhos da construção do parqueamento subterrâneo, e a recolha, executada por um dos autores (RBS), incidiu numa faixa de 10 m de largura este-oeste ao longo de toda a longitude do espaço e só num nível previamente rebaixado mecanicamente. Tratou-se de uma recolha selectiva, que permitiu reunir um conjunto escasso de cerca de uma dezena de fragmentos em *terra sigillata* (sudgálica e clara africana-A, C e D), «Cerâmica Africana de Cozinha» e um vidro. Poucos exemplares de cerâmica comum regional e um bordo de almofariz itálico do tipo Dramont D2 ampliavam o conjunto, amplamente dominado pelo material anfórico, de que se recolheram somente cerca de 200 fragmentos (em curso de estudo por Rui Roberto de Almeida): ali se assinalou a presença de contentores do tipo Maña C2b, Dressel 1 do Tirreno (muito escassos), Dressel 14, Lusitana 3, Almagro 51C, lusitanos, Haltern 70, Dressel 7/11, Dressel 20 e Keay XVI, béticos, dois fundos africanos inclassificáveis, e uma parede eventualmente pertencente ao tipo Oriental LR2.

Também não muito distante do Pátio do Ministério de Marinha, e contíguo à Praça do Município, o edifício do Banco de Portugal foi alvo de uma prolixa intervenção arqueológica em anos recentes, que vem sendo largamente divulgada (Rocha & *alii*, 2013).

No local, 2022 fragmentos anfóricos eram inventariáveis: 1215 oriundos do Tejo/Sado, 210 Guadalquivir, 286 da Baía Gaditana e em menor número itálicos, africanos, gauleses e do Mediterrâneo Oriental (Rocha & *alii*, 2013, p. 1012). Predominam os tipos Dressel 14, com 614 exemplares (30,4%), Dressel 20, 182 exemplares (9%), Almagro 51C, 177 exemplares (8,8%), Lusitana 3, 139 exemplares (6,9%) e outras tipologias minoritários como Almagro 50 ou Keay XVI (Idem, p. 1012). O conjunto do Banco de Portugal, o mais extenso dos já repertoriados, incluía igualmente uma amostragem vasta de *terra sigillata*, alvo de estudo monográfico recente, onde mais de metade equivalia a produções africanas, as produções hispânicas de *Tritium Magallum* e de Andújar se equilibravam e a *sigillata* sud-gálica estava bem representada, sendo notório o contingente de «Cerâmica Africana de Cozinha» (Santos, 2015, p. 248). Encontrando-se os três locais referidos numa disposição vagamente em linha recta perpendicular ao rio, mais do que o jogo de cotas entre eles interessa

fazer notar a distinta representatividade das várias classes cerâmicas, que se situa bem acima dos 90% de material anfórico no Pátio de Marinha e Praça do Município, números que sintomaticamente baixam no Banco de Portugal em razão da muito maior proximidade às zonas mais densamente ocupadas do subúrbio ocidental de *Olisipo*.

Se estas zonas expectavelmente encerrariam evidências portuárias, o achado do horizonte estratigráfico romano de fundo estuarino na Praça D. Luís I, reconhecido numa extensão de 254 m<sup>2</sup> (Parreira & Macedo 2013; Parreira & Macedo 2016, p. 167), permitiu reequacionar as leituras da geografia portuária da cidade romana, e chamar a atenção para o papel desempenhado pela antiga “Ribeira Ocidental” de Lisboa em época romana.

Na Praça D. Luís I recolheu-se um número ainda não especificado de fragmentos, entre as cotas -3,6 e -3,85 m, nos quais se identificaram variadas produções (*terra sigillata* sudgálica, hispânica, clara africana D, paredes finas – uma das quais de Montans –, e “uma curiosa imitação” – ? – de TSCLAf-A, TSCLAf-C e CAfC, para além de cerâmica comum (Idem)). O conjunto anfórico era, como seria de esperar, predominante, tendo permitido a identificação de 28 exemplares de Dressel 14, 15 de Lusitana 3, 8 de Almagro 51C e 3 Almagro 50, entre as produções lusitanas, mas também 1 Dressel 1 itálica, 1 Haltern 70, 1 Dressel 20 e 7 Keay XVI, béticas, 1 Gauloise 4, 3 Africanas II ou III e, constituindo as mais antigas evidências do local, dois exemplares das morfologias 4.2.1.1 e 8.2.1.1 de Ramón Torres (Idem, pp. 168-170).

A despeito da dispersão cronológica do conjunto da Praça D. Luís I, é interessante notar a coincidência dos arcos cronológicos deste local e da Sede da EDP, devendo a este propósito destacar-se a documentação da presença de contentores anfóricos do período Republicano Romano, que sugerem uma actividade portuária desenvolvida ainda nos séculos antes da Era, e a vitalidade bem mais expressiva atingida no período Imperial. O pequeno conjunto anfórico da Sede da EDP vem, portanto, juntar-se às evidências que permitem sustentar a leitura de um papel portuário desempenhado pela antiga “Ribeira Ocidental” de Lisboa no período romano, em particular da hoje desaparecida Baía da Boavista.

Lisboa, Junho de 2017

## BIBLIOGRAFIA

- BETTENCOURT, José; CARVALHO, Patrícia; COELHO, Inês; FONSECA, Cristóvão; LOPES, Gonçalo; SILVA, Tiago (no prelo) – Os navios de Lisboa: balanço e perspectivas de investigação. In *Actas do I Encontro do Centro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- BONIFAY, Michel (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: BAR International Series. 1301.
- COSTA, Ana; FREITAS, Maria Conceição; INÁCIO, Miguel; FATELA, F.; LOPES, Vera; ANDRADE, César; CACHÃO Mário; MENDES, P. M.; SARRAZOLA, Alexandre; MACEDO, Marta; BETTENCOURT, José; CARVALHO, R.; FREITAS, Teresa (2016) – Single events and century-scale evolution of the northern margin of the Tagus River before the Boavista landfill: a multidisciplinary approach to a natural and anthropic sediment record. *Estudos do Quaternário*. APEQ: Braga. 14, pp. 92-104.
- FONSECA, Cristóvão; BETTENCOURT, José; BRAZÃO, Alexandre; CHOUZENOUX, Christelle; PINTO, Marco; SILVA, Tiago; CARVALHO, Patrícia; COELHO, Inês; FREIRE, Jorge (2016) – Boa Vista 1 and Boa Vista 2: first data on two Early Modern ships discovered in Lisbon (Portugal). In NEGUERELA MARTÍNEZ, Iván; CASTILLO BELINCHÓN, Rocío; RECIO SÁNCHEZ, Patricia, coord. – *IKUWA V. Proceedings of the 5<sup>th</sup> International Congress on Underwater Archaeology – A heritage for mankind*. Cartagena: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, pp. 957-967.
- MARQUES, João; SABROSA, Armando; SANTOS, Vítor (1997) – Estrato romano da Avenida Ribeira das Naus (Lisboa). *Almadan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2<sup>a</sup> Série, n.º 6, pp. 166-167.
- MARQUES, João; SANTOS, Vítor (2000) – Acompanhamento das Obras do Metropolitano de Lisboa: Intervenção Arqueológica na Avenida da Ribeira das Naus. In *Actas do 3<sup>o</sup> Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (20-23 de Fevereiro de 1997)*. Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus. (col. *Monografias – Arqueologia*), pp. 165-176.
- MURALHA, João; LEITÃO, Manuela (1998) – *Relatório Final da Intervenção Arqueológica da Praça do Município (Lisboa) 1996-1997*. Lisboa: Museu da Cidade (policopiado).
- PARREIRA, Jorge; MACEDO, Marta (2013) – O fundeadoiro romano da Praça D. Luís I. In *Congresso de 150 Anos Associação dos Arqueólogos Portugueses*. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 747-754.
- PARREIRA, Jorge; MACEDO, Marta (2016) – Lusitanian Amphorae and Transport Coarse from the Roman Anchorage of Praça D. Luís I (Portugal). In PINTO, Inês Vaz; ALMEIDA, Rui; MARTIN, Archer, eds. – *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Exeter: Archaeopress (col. *Roman and Late Antique Mediterranean Pottery*, n.º 10), pp. 167-171.
- ROCHA, Artur; REPREZAS, Jéssica; MIGUEZ, João; CORREIA, Joana (2013) – Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1011-1018.
- SANTOS, Ana dos (2015) – *A Terra Sigillata e a cerâmica de cozinha africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa) (Dissertação de Mestrado)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SARRAZOLA, Alexandre; BETTENCOURT, José; TEIXEIRA, A. (2014) – Lisboa, o Tejo e a Expansão Portuguesa: os mais recentes achados arqueológicos da Lisboa Ribeirinha. In *O Tempo Resgatado ao Mar. Catálogo da Exposição*. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda e Museu Nacional de Arqueologia, pp. 111-116.
- SILVA, Rodrigo Banha da; FILIPE, Victor; ALMEIDA, Rui (2016) – Julio-Claudian lusitanian amphorae: a perspective on selected contexts from Olisipo (Lisbon, Portugal). In PINTO, Inês Vaz; ALMEIDA, Rui; MARTIN, Archer, eds. – *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Exeter: Archaeopress (col. *Roman and Late Antique Mediterranean Pottery*, n.º 10), pp. 153-166.
- VIEGAS, Catarina; RAPOSO, Jorge; PINTO, Inês Vaz (2016) – Almagro 51C (Western Lusitania). In *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-51c-western-lusitania>), 20 July, 2016 [consultado a 16.06.2017].

Figura 1

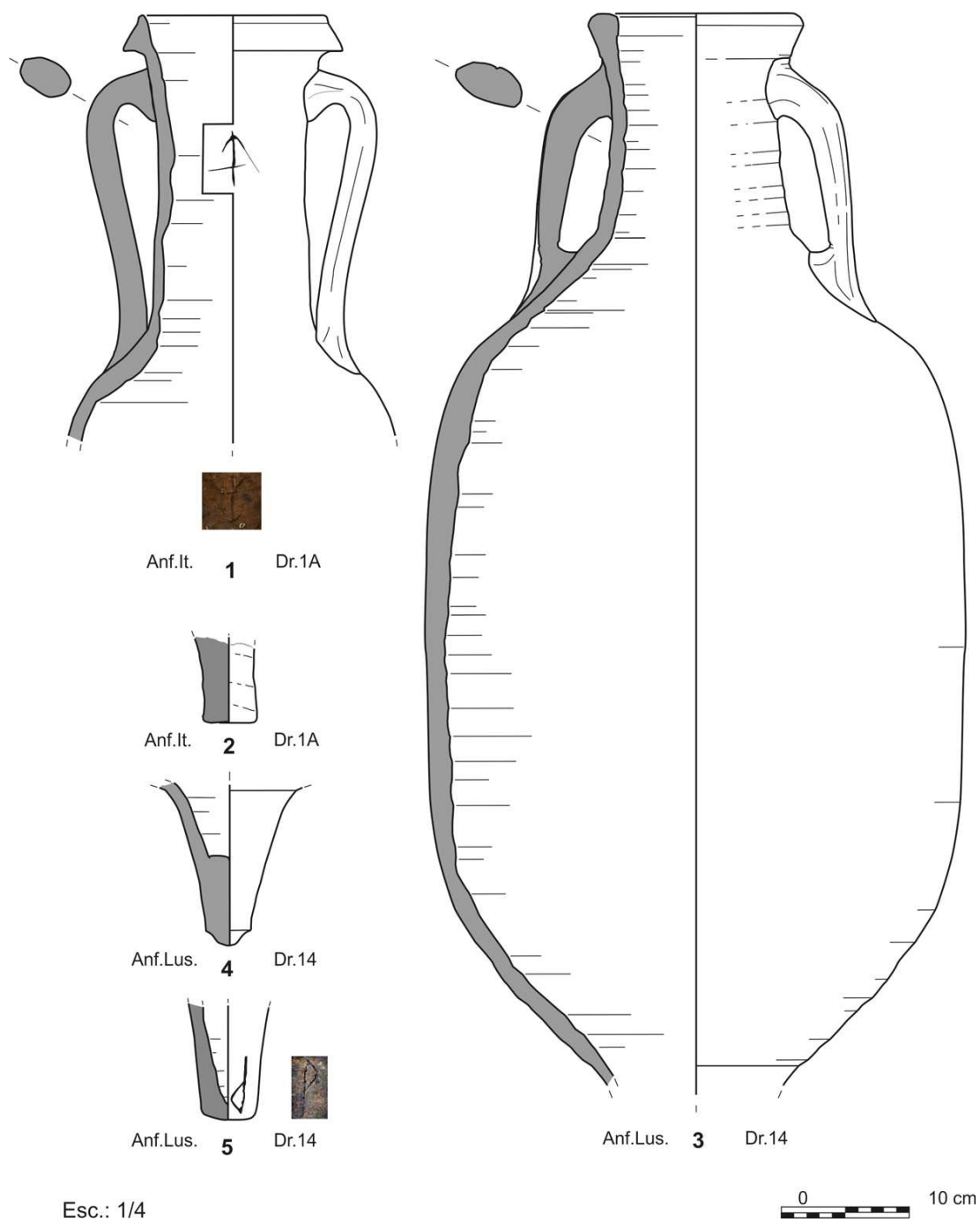


Figura 1 – Ânforas itálicas do Tirreno Dr.1A (1-2) e Lusitanas do Tejo/Sado Dressel 14 (3-5) da Sede da EDP.

Figura 2

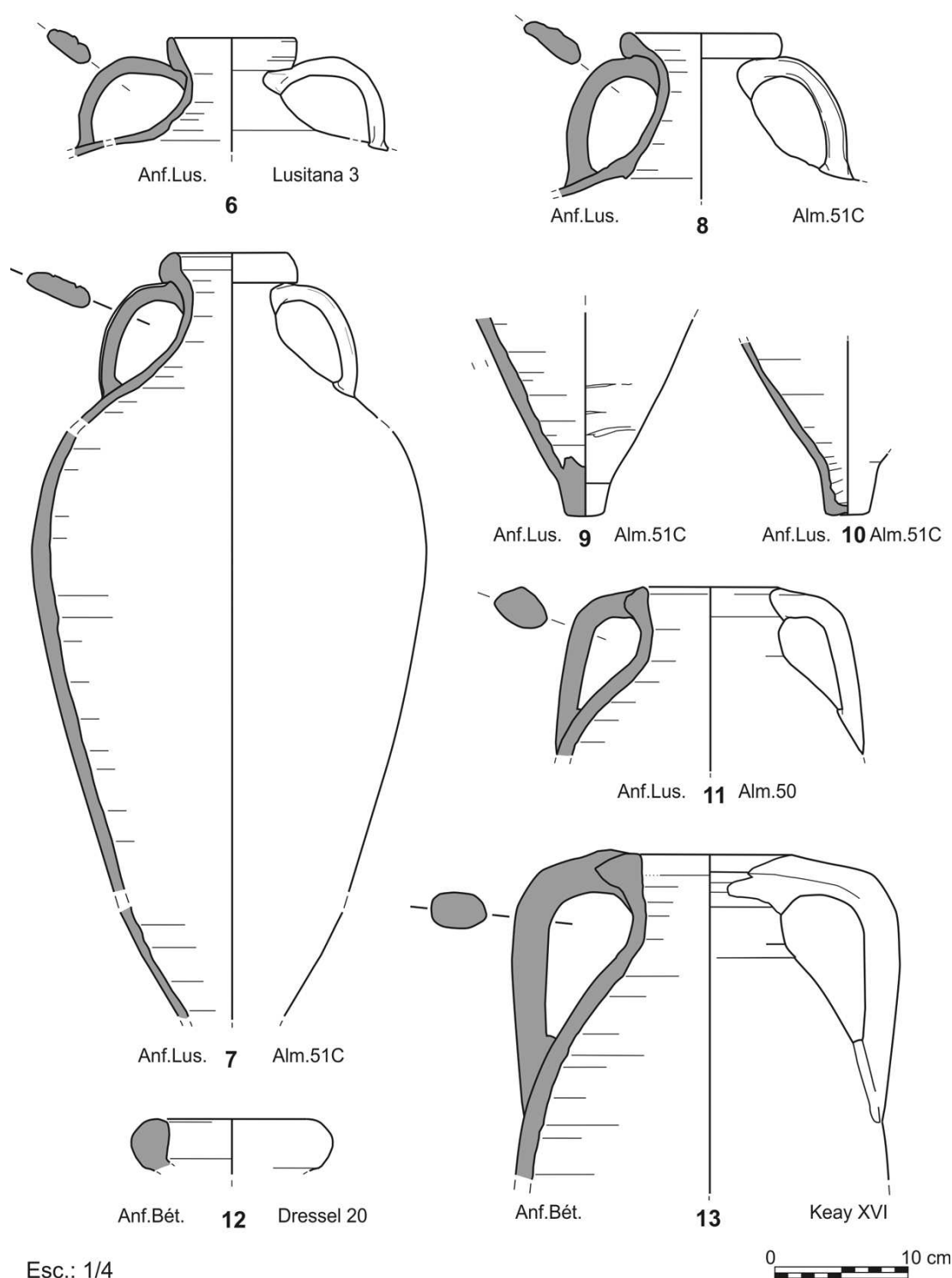
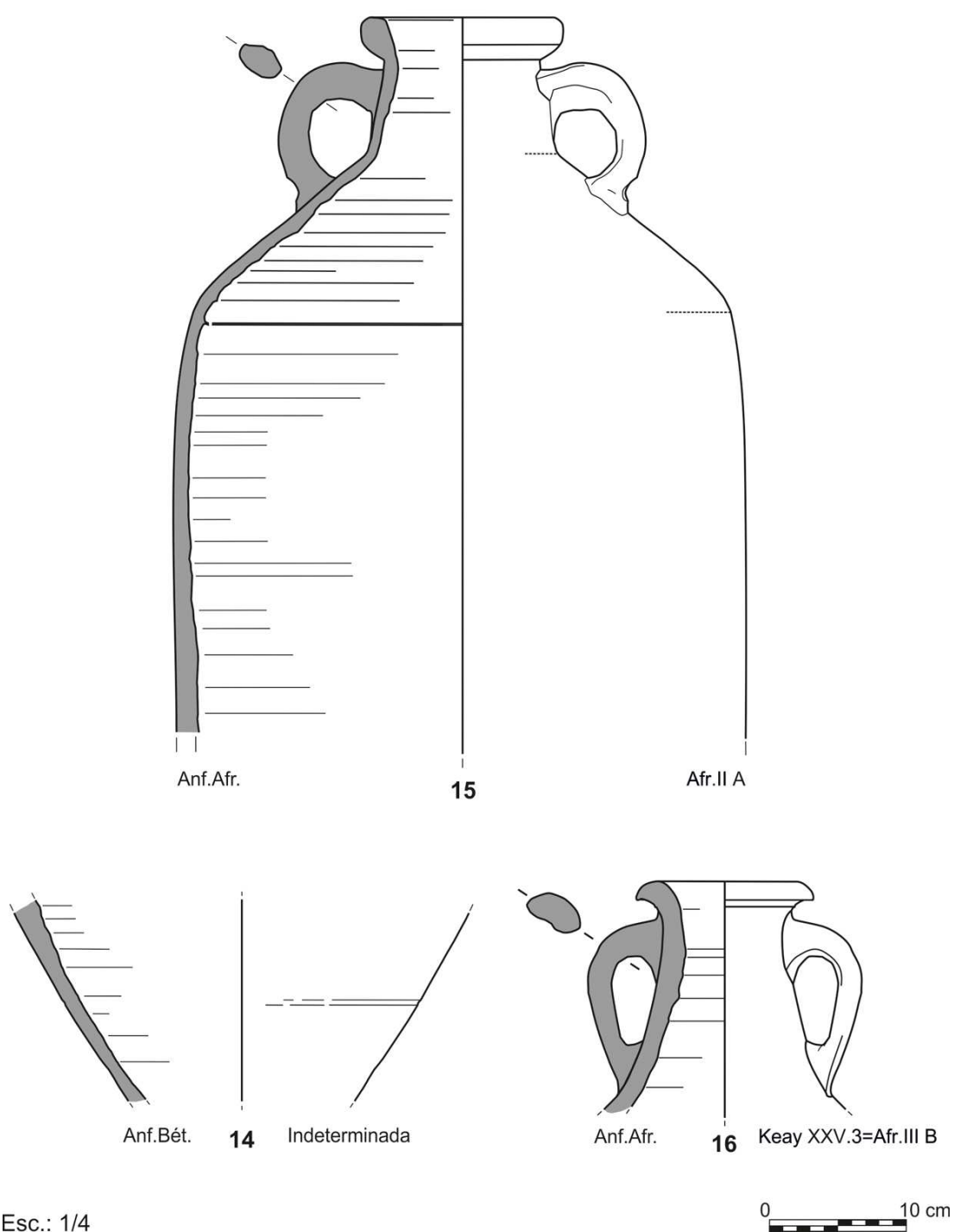


Figura 2 – Ânforas lusitanas do Tejo/Sado Lusitana 3 (6), Almagro 51C (7-10) e Almagro 50 (11); béticas Dressel 20 (12) e Keay XVI (13) da Sede da EDP.

Figura 3



Esc.: 1/4

Figura 3 – Ânforas bética indeterminada (14) e africanas Africana IIA (15) e Keay XXV.3=Africana III B (16) da Sede da EDP.

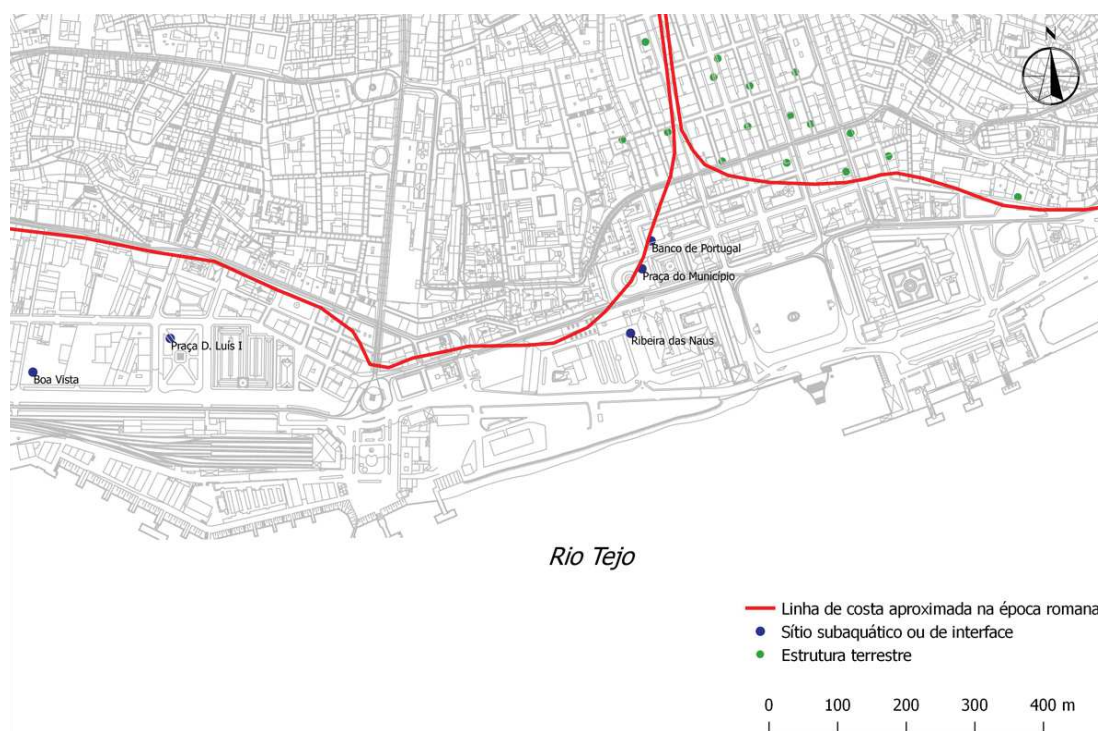


Figura 4 – Localização dos sítios arqueológicos e da linha de costa aproximada na época romana sobre levantamento topográfico de Lisboa.

